

# O “Caindumbo”: colonialismo, trabalho e racismo em *Branços e negros*, de Guilhermina de Azeredo<sup>1</sup>

## The “Caindumbo”: colonialism, work and racism in *Branços e negros*, by Guilhermina de Azeredo.

Luiz Fernando de França<sup>2</sup>

---

### RESUMO

Neste artigo analiso a formalização das relações de trabalho e do racismo em um livro de contos da chamada “literatura colonial” publicado em 1956: *Branços e negros*, de Guilhermina de Azeredo. O objetivo é demonstrar que, ancorada no programa do colonizador, a obra formaliza relações hierarquizadas de trabalho, nas quais o colono branco – o “Caindumbo” – é superiorizado e o trabalhador negro, invisibilizado e subalternizado.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Racismo; Colono.

### ABSTRACT

In this article I analyze the formalization of labor relations and racism in a book of short stories called “colonial literature” published in 1956: *Branços e negros*, by Guilhermina de Azeredo. The objective is to demonstrate that, anchored in the colonizer's program, the work formalizes hierarchical relations of work, in which the white settler - the “Caindumbo” - is superior and the black worker invisible and subalternized.

KEYWORDS: Work; Racism; Settler.

---

<sup>1</sup> Texto adaptado da Tese de Doutorado do autor, intitulada *Uns contos iguais a muitos: estórias africanas, relações de trabalho e estrutura narrativa no contexto colonial angolano e moçambicano (décadas de 50/60)*, defendida em 2018, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em São Paulo.

<sup>2</sup> Doutor em Letras e professor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.



## *Branços e negros*

A obra *Branços e negros*, de Guilhermina de Azeredo (1956), é recorrentemente tomada pela crítica literária no conjunto da chamada *literatura colonial* portuguesa. Laura Padilha (2002), analisando alguns aspectos desse livro, pondera que

A ideologia colonial, bem marcada nos textos, mostra que a nova rota civilizatória portuguesa dos fins do século XIX e início do XX não significa, mais uma vez, um aprofundamento das raízes transplantadas para as colônias, mas, como já aponte, a criação de mar de rizomas a se espalharem, ao invés de mergulharem nos recônditos da terra simbólica. Nesse processo de desarraigamento, não se cria uma zona de fronteira aonde os dois segmentos se viessem a cruzar [...] sucedem-se explosões de violência e racismo... (PADILHA, 2002, p. 101)

Outras características também sustentam a conclusão da crítica: a enunciação marcadamente eurocêntrica dos narradores, a visão exótica em torno da terra e de seus habitantes e a estereotipação da mulher negra. Nessa perspectiva, no livro de Guilhermina de Azeredo, a defesa da ideologia do “trabalho civilizador” e de uma relação hierarquizada de trabalho torna-se evidente já numa primeira leitura. Entretanto, para além da percepção temática, procuro evidenciar como os aspectos estruturais em conjunto são articulados para formalizar um discurso de promoção do trabalho sob a ótica do “colonizador”. Assim, partindo das recorrências que envolvem a estrutura narrativa, analiso como formalmente um livro da literatura colonial “louva” o trabalho dos colonos (as), subalterniza os (as) africanos (as) e, por tabela, constitui-se como evidente instrumento de “propaganda” da própria ação colonizadora.

Sobre o livro *Branços e negros* é pertinente ainda apontar que: a) recebeu o prêmio Fernão Mendes Pinto, em 1955, conferido à melhor novelística (romance, conto ou novela) em concurso promovido pela Agência-Geral do Ultramar; b) é

constituído por 10 contos: “Saudade (Pórtico)”, “Tudo é Chipurulo”, “Mãe e filho”, “A velha do açude”, “Chiraué”, “Cafuso”, “Colonos”, “Turião”, “Soldado nº 7 da 10ª companhia” e “Chica”; c) apresenta marcadamente, com exceção explícita de “Tudo é Chipurulo”, uma voz feminina que conta as histórias em perspectiva participante. Este último aspecto torna-se relevante para a análise na medida em que é um índice que vincula a obra ficcional, na própria configuração do texto, à condição social da escritora que a produziu: Guilhermina de Azeredo. Os dados biográficos atestam que a escritora portuguesa viveu em Angola durante 13 anos na condição de colona.<sup>3</sup>

## O colono: trabalhador e herói da pátria portuguesa

Em *Branços e negros* três contos são emblemáticos na estruturação dessa imagem do colono português: “Saudade (Pórtico)”, “Tudo é Chipurulo” e “Colonos”. Notadamente, nessas narrativas o enredo e as personagens estão alinhados para assegurar a construção da imagem do colono trabalhador e herói em termos de sua participação no desenvolvimento dos fatos na narrativa. Trata-se, desse modo, de uma representação produzida na estrutura do texto.

Do ponto de vista narrativo, a construção da personagem “heroica” depende da existência estrutural de uma situação de carência resultante da ação de um agressor que instaura uma tensão. Em “Saudade (Pórtico)” e “Tudo é Chipurulo” essa situação de conflito é gerada pelo confronto do “colono” com o

---

<sup>3</sup> “Maria Guilhermina de Aguiã de Azeredo nasceu em 1894, em São Mamede de Infesta, nos arredores do Porto. O seu pai, o advogado Baltazar de Araújo Brito Rocha Aguiã, divorciado e casado em segundas núpcias, parte para Benguela nos últimos anos do século XIX ou nos primeiros do século XX, aí vivendo longos anos, com uma intensa actividade cívica que contemplou o exercício das funções de presidente da câmara. Educada na Suíça, Guilhermina de Azeredo viu os seus estudos superiores interrompidos pelo eclodir da I Guerra Mundial. Partindo para Benguela em 1915, aí viria a casar cinco anos mais tarde com António Maria de Azeredo, oriundo de uma importante família nortenha e que também viria a dedicar-se à escrita e à ficção. Em 1928, vê-se obrigada a regressar à metrópole em busca de tratamento médico para o seu filho António, a quem tinha sido diagnosticada hepatite. O marido juntar-se-ia à restante família pouco tempo depois, chegando deste modo ao fim a experiência angolana do casal” (TOPA, 2010, p. 5)



“território colonizado” que precisa ser “civilizado” e disciplinado pelo trabalho. É a terra angolana que, assumindo a função de agressora, instaura a carência e exige a ação reparadora do colono trabalhador:

Eras tu o pobre louco! Eras tu que erguias o teu machado contra esse gigante poderoso – o mato.

Chamaram-te visionário, quase criminoso, até! E, no entanto, tu deste àquela terra o melhor do teu esforço. Sacrificaste por ela o teu nome, a tua posição e a tua glória; riquezas mais acessíveis e vida confortável e fácil.

Foste como aquele pioneiro que, a golpes rudes, abriu caminho à civilização; foste o mártir da selva e a ela tudo deste: a tua persistência, o teu sacrifício, o teu trabalho e o teu sangue, combatendo o próprio sentimento e o próprio desânimo [...]

Sim, fizemos uma jura e cumprimos até final. Transformada a selva numa pequenina pátria portuguesa, com o facho do espírito erguemos um altar a Deus. Já o asceta missionário abençoava as coisas e os homens, incitava a propagar a Fé de Portugal, a Fé que de nossos avós tinha feito grandes heróis. [...]

Às vezes em dias de vento e chuva, a floresta parecia um exército, avançava bramindo, dominando e abafando o nosso trabalho... Disseram mesmo que o fogo devorara campos e armazéns... (AZEREDO, 1956, p. 12-15)

Novamente as máquinas revolveram a terra e novas sementes caíram nos sulcos das charruas. Desta feita, porém, era milho ikoriking.

Apesar dos exércitos de milhões de formiguinhas pacientes que carreavam dia e noite, dos ratos e porco-espinho, das perdizes, das fracas e dos tecelões, sempre o milho cobriu a terra. [...]

Sucedeu, infelizmente, ter vindo mais cedo o Verão africano de Janeiro. Foram seis longas semanas de sol abrasador e de vento do Cálaari. Nem de noite cacimbava. E a terra, onde mergulhavam aqueles milhões de raízes como bocas sequiosas, deixou que o milharal encarquilhasse as folhas, torcesse as bandeiras e crestasse as barbas loiras. Pouco grão se criou [...]

O pior, ainda, era defender os porcos da onça e do chacal, dos mabecos e do jacaré, do bissonde e das bitacaias, quer dizer: dos grandes e dos pequenos [...] (AZEREDO, 1956, p. 23-26)

Os excertos evidenciam que os contos atualizam a recorrente visão exótica da “selvageria” e do “primitivismo” da terra africana reduzida a “mato” e “animais”.

Noa (2015, p. 44) adverte que esses vocábulos ("selvagem", "mato", "primitivo", etc.). "são reveladores do fato de a ação civilizadora – leia-se colonizadora – aparecer como um ato providencial". Em "Saudade (Pórtico)", a presença de seres humanos africanos é totalmente negada e a narrativa centra-se apenas na presença "civilizante" do colono. Assim, no primeiro conto, o colono não apenas detém a função de protagonista, ele ocupa por completo as situações narrativas com "a tua persistência, o teu sacrifício, o teu trabalho e o teu sangue, combatendo o próprio sentimento e o próprio desânimo". Em "Tudo é Chipurulo", o esvaziamento do território de seres humanos africanos é substituído pela secundarização: as personagens africanas aparecem, mas na condição de meros serviçais dos colonos. Esse esvaziamento humano do território ou a secundarização das personagens africanas – que Achebe (2012, 115-119) registra na sua longa "lista de ausências" e de "negações" imposta pelo programa do colonizador – ancorado na estereotipação negativa do espaço, desenvolve-se nos contos como parte da estratégia de projeção da ação dignificante do colono trabalhador. Sendo o "único ser humano" e/ou "o ser humano" colocado textualmente em situação de "superioridade", sua participação narrativa assume naturalmente uma função heroica. Um heroísmo construído inicialmente com base na luta contra personagens-agressores da terra ocupada: mato, animais e clima.

Em "Saudade (Pórtico)", os agressores "mato" e a "floresta" são comparados, respectivamente, a um "gigante" e ao "exército". Essas designações são significativas e elaboradas a partir de um misto de monstruosidade, personificação e força (o "gigante poderoso" e o exército que avança, brame, domina e abafa). Além disso, a roupagem dos agressores dialoga com outras formas narrativas: em inúmeros textos tradicionais a personagem "gigante" ocupa a função de antagonista<sup>4</sup>. Ainda sobre essa caracterização, merece destaque o esforço da narradora para construir uma imagem "imponente" dos agressores. Essa dimensão de força é consequente, pois justifica a necessidade de elevar às ações e

---

<sup>4</sup> É o que acontece, por exemplo, no conto João e o pé de feijão, no qual o gigante é "muito mal" e "devorador de carne humana"



características da personagem heróica; ou seja, diante de tão fortes adversidades apenas um colono corajoso, esforçado e humilde teria condições de sair vitorioso do confronto. Não por acaso, a ação do herói é tomada como “sacrifício” e o seu trabalho como de um verdadeiro “mártir da selva”. De acordo com Ferreira (1987, p. 11) nesse tipo de texto o colono branco “é elevado à categoria de herói mítico, de desbravador das terras inóspitas, o portador de uma cultura superior”. Essa imagem idealizada/nobre do colono opõe-se à dimensão destrutiva dos antagonistas (gigante e exército) e materializa a estrutura maniqueísta da narrativa, e porque não dizer a “visão maniqueísta da vida e do mundo envolvente”, como bem formula Trigo (1987) ao caracterizar a literatura colonial.

Nessa estrutura não é suficiente, como acontece nas narrativas tradicionais, que o “gigante” seja derrotado. Isso é importante, mas o herói possui um desígnio maior: além de combater, dominar, deve também transformar a terra de acordo com os seus próprios padrões políticos, culturais e religiosos. Nesse sentido, a tarefa somente se completa quando “transformada a selva numa pequenina pátria portuguesa”. Na descrição desse benevolente projeto “civilizatório” do herói português é válido observar que a narradora admite sua coparticipação: “[...] fizemos uma jura e cumprimos até o final [...]”; “[...] erguemos um altar a Deus” (p. 14); “Só tu e eu, e outros como nós, podemos compreender e sentir o que essas almas sentem” (p. 15).

Assim, formalizando o que Ferreira (1987) chama de “celebração colonial”, o nacionalismo português e a imagem do (a) colono (a) trabalhador (a) se justapõem para construir um sentido triunfante da própria colonização ao mesmo tempo em que a justifica e louva. O trabalho do colono não se realiza em causa própria, mas em função da “Pátria”, da missão civilizatória e da “Fé”. Temos, aqui, não apenas uma atitude “nobre” que legitima a figura do herói, como também motivos que ampliam a própria noção de “trabalho” na perspectiva colonialista. No texto, trabalhar, para além de erguer o machado e enfrentar o mato (desmantar), é abrir

caminho para a “civilização”, em última instância, é também civilizar. O colono trabalhador-herói executa ao mesmo tempo as duas ações.

## O “Caindumbo”: homem forte e talhado para o trabalho

A impotência dos agressores, na perspectiva formalizada no primeiro conto da obra, é também uma característica encontrada em “Tudo é Chipurulo”. Todavia, neste texto, a superiorização do colono ocorre a partir de uma sequência narrativa de enfrentamentos. Do ponto de vista textual, o conto formaliza uma técnica tradicional de repetição de confrontos para projetar uma imagem “nobre” do colono, baseada no trabalho e na persistência.

Enfrentando os insetos, o clima quente do “Verão africano” e os animais carnívoros, o colono atravessa um percurso de “provas” no processo de ocupação da terra e, sobretudo, de estabelecimento de um lugar de privilégio e poder em relação às personagens africanas. Assim, se em “Saudade (Pórtico)” a projeção idealizada e heroica do colono dá-se predominantemente, como já salientei, por sua vinculação à missão “civilizatória” portuguesa, em “Tudo é Chipurulo”, ainda que esse discurso colonialista continue muito presente, a idealização do trabalho do colono focaliza suas tentativas de produzir em um espaço natural tomado como inóspito. É na revelação dos percalços do trabalhador português na luta contra esse território atópico e sua fauna – note que o estereótipo da África “selvagem” é aqui intensificado – que a narrativa promove o protagonismo do colono. Para isso, a lógica narrativa da repetição de adversidades estruturalmente semelhantes tem função qualificante no desenvolvimento do enredo, pois, no desfecho do conto, vencidos os obstáculos iniciais, o colono torna-se conhecido no vilarejo como o “homem forte”, o “da cor do leão” ou “o Caindumbo”. Essa caracterização, na estrutura fabular, surge como forma de reconhecimento social das qualidades do



colono. Logo, a persistência e o trabalho diante dos infortúnios são recompensados e a imagem do colono forte e confiável prospera em terras “hostis”.

Neste segundo conto de *Branços e negros*, civilizar é também modernizar. Assim, a imagem do colono que ergue um machado e enfrenta a “floresta” é substituída pela do colono que é detentor de “máquinas”: “Tínhamos desembarcado há pouco da metrópole com um formidável ‘trem’ de lavoura e mirabolantes projetos sobre a futura fazenda. Dois vagões de vinte e duas toneladas não chegaram para transportar a maquinaria da costa até aqui” (p. 19). Sobre isso, é necessário destacar uma correspondência histórica: o colonialismo, e sua política racista, garantiram em Angola e Moçambique o acesso dos agricultores brancos aos equipamentos agrícolas ao mesmo tempo em que se negava o mesmo direito aos produtores negros<sup>5</sup>. Todavia, no texto, essa desigualdade social é abafada e o privilégio naturalizado. O colono, soberano, adentra ao território a ser explorado para o “espanto da boa gentinha”. No conto *Colonos* essa imagem do português possuidor de maquinários modernos é novamente retomada. A narradora, focalizando mobiliários e equipamentos da “casa” do colono, não mede esforços para descrever e detalhar a condição abastada da propriedade:

As casas tinham janelas de vidros e beirais de telha e para o terreiro davam às oficinas e à moagem com maquinaria da mais moderna. Por exemplo: serras circulares grandes e pequenas, de voltar, serras a prumo, moinhos das melhores marcas, peneiras de primeira, de segunda e terceira, tudo ligado a uma infinidade de roldanas, correias e poleias que se cruzavam por cima das nossas cabeças e iam ligar-se ao veio principal movido a vapor. Pasmados diante de tanto apetrechamento caro e tão sólido, nem nos atrevíamos a falar. Parecia quase um milagre transportar àquela distância e em carros poeres tudo o que ali estava patente a nossos olhos. (AZEREDO, 1956, p. 127)

---

<sup>5</sup> Sobre esse tratamento desigual de colonos e africanos, ver CASTELO, Cláudia. O branco do mato de Lisboa: a colonização agrícola dirigida e os seus fantasmas. In: \_ (Org.). *Os Outros da colonização: ensaios sobre colonialismo tardio em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

Em “Tudo é Chipurulo”, as representações de “trabalho”, “força” e “bondade” se justapõem e elevam a figura do colono diante da comunidade. Como já mencionei aqui, em determinado momento da narrativa o colono recebe o nome de *Caindumbo* (“homem forte”, “o da cor do leão”). Tal denominação – usada não apenas pelos africanos, mas também pelos “brancos vizinhos” – além de indiretamente ser resultado das peripécias enfrentadas e vencidas pelo colono-narrador, é também consequência de sua “generosidade” e “complacência” para com a personagem Capitia, africano “guiador” que o conduz em uma viagem pela “floresta”. Durante a viagem, o colono é atacado de surpresa por “um grande boi mocho com geba de zebu”. Com um tiro na cabeça, o colono mata o animal. Após o ataque, além de exigir clemência do patrão, pois julgava que poderia ser punido pelo ocorrido, Capitia exalta a força do colono: “Tu és ‘homem forte’, és mesmo um Dumbo!”. Devido ao infortúnio, os viajantes são hospedados e recompensados com farta alimentação e presentes oferecidos pelo século do lugar, o dono do boi “enfeitiçado”. No retorno da viagem, o colono, além de não culpar o guiador pelo ocorrido, ainda dá para este uma vaca de presente. Tais atitudes são suficientes para que Capitia construa e reproduza, no povoado, uma narrativa da viagem que idealiza a figura do colono:

À volta de “Capitia” faziam-se grandes rodas. Ele piscava-me os olhos e começava arengar ao povo quantas patranhas à cabeça. Fiquei sendo “o homem forte”, o “da cor do leão” ou o Caindumbo. Ninguém me tratava por outro nome e até os brancos vizinhos se habituaram a ele. À hora do pirão, com a barriga bem cheia, os homens vêm tudo bom e maravilhoso. Falavam sempre de mim...  
– Caimbundo? Cainbumdo?  
– Você não sábi – dizia “Capitia” – leão bravo, mas coração... bom mesmo! É virdádi! Bom mesmo! (AZEREDO, 1956, p. 33)

Pelo excerto, torna-se evidente que a imagem de bravura do colono (já destacada desde o início do conto) é agora completada, pelas “histórias” de Capitia, com a de “força” e, sobretudo, a da “bondade”. Mas não é apenas a idealização em si que interessa. Os efeitos dessa condição de “Caindumbo” do colono também



devem ser observados. No conto, a imagem de “bondade” do colono garante “privilégios” que sustentam relações econômicas como o pagamento de impostos e a disponibilização de mulheres para o trabalho “do campo”. De todo modo, não se pode desconsiderar que “Tudo é Chipurulo” é uma narrativa (assim como acontece no primeiro conto) contada a partir do ponto de vista do colono; logo, a idealização e a auto vanglória que o conto projeta é, evidentemente, resultado de sua estrutura enunciativa. Mas também resulta de uma narrativa colonial que deseja ser, na percepção de Trigo (1987, p. 145), “um hino de louvor à civilização colonizadora, à metrópole e à nação do colono”.

Com a mesma intenção idealizante, a imagem do colono como sujeito talhado para o trabalho não se esgota nos dois primeiros contos do livro. É em “Colonos” que o trabalho dos portugueses recebe um tratamento mais focalizado. Por sinal, a relação entre o título e a centralização temática do conto já revela uma primeira significação: considerando que o trabalho do colono é o tema principal da narrativa, “Colonos” formaliza uma imagem deste, notadamente, reduzida ao ato de trabalhar, de produzir na colônia. A partir do olhar admirado da narradora, que certamente, em termos enunciativos, lembra a tonalidade emocionada de “Saudade (Pórtico)”, o texto centra-se na personagem de um velho colono para apresentar sua história de trabalho, de prosperidade e acúmulo (“[...] Era rico, tinha muitos empregados, casas, propriedades, as lojas cheias de fazendas, mas vivia só”, p. 130), em meio à descrição de um drama familiar que determina sua solidão presente: a morte da filha. Nesse conto, especificamente, a idealização do trabalho do colono surge interligada à descrição espacial, o que além de expandir a representação, superioriza não apenas o trabalho, mas também o seu resultado. É nessa perspectiva que a “cacimba” (“um símbolo de civilização, um símbolo de vida... do engenho do branco...”, p. 123) e, sobretudo, a “horta” cultivada pelo velho camponês são exaltados:

Ricas alfaces repolhudas, pimentos, couve de todas as qualidades, acelgas e cenouras, tomates, quiabos e feijão verde... E até ervilhas e

melões, daqueles rendilhados de Coimbra... Então árvores de frutos? Desde a manga, à pinha, ou o mamão à pitanga, à anona, até às uvas, as laranjas e tangerinas, os morangos de todas as qualidades, uns grandes, vermelhões, outros mais bravos, pequenos e perfumados, de tudo lá havia. E Bananas? A pão, a maçã, a prata, a ouro, a anã, a roxa... Das videiras, quando podadas a tempo, havia duas colheitas no ano, e as laranjeiras estavam sempre cobertas de flor, de frutos verdes e frutos maduros... (AZEREDO, 1956, p. 125-126)

Além de retomar o discurso do colono como o engenhoso “propagador da civilização” (no caso da cacimba) e de agricultor astuto que potencializa a fertilidade da terra, o conto ainda amplia genericamente a noção de “lavrador” para escamotear a divisão social (injusta) do trabalho no contexto colonial: “De resto todos nós temos um pouco de lavrador” (p. 125). Essa ampliação encaixa-se na lógica do texto: produzir uma representação dos “colonos” como sujeitos naturalmente ligados ao trabalho no território ocupado. Nesse sentido, apenas aparentemente evidencia-se uma disjunção entre o título pluralizado e a focalização do conflito de um solitário camponês. Na verdade, trata-se de uma costura narrativa que utiliza uma personagem central (e seu drama individual) como um pretexto para construção de uma imagem coletiva do colono português que, mesmo diante de dramas familiares, não abandona o trabalho e, por conseguinte, sua missão civilizatória. Do ponto de vista estrutural, o texto dilui as variáveis das personagens colonas para potencializar essa roupagem plana, idealizada. Trata-se de uma recorrência não apenas da narrativa em questão, mas do livro como um todo.



---

## Referências bibliográficas

ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AZEREDO, Guilhermina de. *Branços e negros*. Agência Geral do Ultramar/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1956.

CASTELO, Cláudia. O branco do mato de Lisboa: a colonização agrícola dirigida e os seus fantasmas. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Os Outros da colonização: ensaios sobre colonialismo tardio em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Ed. EFJR, 2005.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.

FRANÇA, Luiz Fernando de. *Uns contos iguais a muitos: estórias africanas, relações de trabalho e estrutura narrativa no contexto colonial angolano e moçambicano (décadas de 50/60)*. São Paulo, 2018. Tese de Doutorado (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo

MACEDO, Tania. O império colonial português e sua retórica. In: ABDALA JR, Benjamin; ROCHA E SILVA, Rejane Vecchia. *Literatura e memória política: Angola, Brasil, Moçambique, Portugal*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

NOA, Francisco. *Império, mito e miopia*. São Paulo: Kapulana, 2015.

\_\_\_\_\_. Literatura colonial em Moçambique: o paradigma submerso. *Revista Via Atlântica*, São Paulo, n.3, 1999, p. 58-69.

PADILHA, Laura. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

THOMAZ, Omar Ribeiro. *Ecos do Atlântico Sul: representações sobre o terceiro império português*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FAPESP, 2002.

TOPA, Francisco. Colonial ou Luso-angolana: o interesse da reedição da obra de Guilhermina de Azeredo. In: REYNAUD, Maria João (Org.). *Crítica textual e crítica genética em Diálogo – Colóquio Internacional*: Porto. Munique: Martin Meidenbaeur, 2010, p. 251-285, 1980.

Recebido em 14/05/2019

Aceito em 27/07/2019